

22/11/63

STEPHEN KING

22/11/63

Tradução de  
ANA LOURENÇO e MARIA JOÃO LOURENÇO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2014

*Para Zelda*  
*Olá, querida, bem-vinda à festa*

É quase impossível a nossa razão assimilar que um homenzinho solitário derrubasse um gigante no meio das suas limusinas, das suas legiões, da multidão e da segurança que o rodeavam. Se uma pessoa tão insignificante destruiu o dirigente da nação mais poderosa do planeta, então estamos mergulhados num mundo desproporcionado, e o universo em que vivemos é absurdo.

— Norman Mailer

Se houver amor, as cicatrizes da varíola são belas como covinhas no rosto.

— Provérbio japonês

A dança é vida.

22/11/63



Nunca fui homem de lágrima fácil.

A minha ex-mulher disse que o motivo por que me deixou foi o meu «gradiente emocional inexistente» (como se o tipo que conheceu nas reuniões dos Alcoólicos Anónimos não contasse para nada). Christy disse que supunha poder perdoar-me por eu não ter chorado no funeral do pai dela; eu conhecera-o apenas seis anos antes e não era capaz de compreender o homem maravilhoso e generoso que ele fora (o pai oferecera-lhe um *Mustang* descapotável no fim do secundário, por exemplo). No entanto, quando também não chorei nos funerais dos meus próprios pais — morreram com dois anos de diferença, o meu pai de cancro no estômago e a minha mãe de um inesperado ataque cardíaco enquanto passeava numa praia da Florida —, começou a compreender aquela coisa do gradiente emocional inexistente. Eu era «incapaz de sentir os meus sentimentos», na linguagem dos Alcoólicos Anónimos.

— *Nunca* te vi verter uma lágrima — disse-me ela, falando com a monótona entoação que as pessoas empregam quando expressam o argumento definitivo que marca o fim de uma relação. — Nem sequer quando ameaçaste deixar-me se eu não fosse para o centro de desintoxicação.

Esta conversa aconteceu aproximadamente seis meses antes de ela arrumar as suas coisas, as enfiar no carro e se mudar para a outra ponta da cidade com Mel Thompson. «Rapaz conhece rapariga nos Alcoólicos Anónimos.» Eis outra frase ouvida nessas reuniões.

Não chorei quando a vi partir. Também não chorei quando voltei para a pequena casa com a grande hipoteca. A casa que não tinha visto nascer um bebé e que agora nunca veria. Sentei-me simplesmente

na cama que agora era só minha, tapei os olhos com o braço e lamentei-me. Sem lágrimas.

No entanto, não se pode dizer que eu tenha qualquer bloqueio emocional. Nisso, Christy enganara-se. Um dia, tinha eu nove anos, voltava para casa da escola e a minha mãe esperava-me à porta. Disse-me que o *Rags*, o meu cão, fora atropelado por um camião que nem sequer se dera ao trabalho de parar. Não chorei quando o enterámos, embora o meu pai dissesse que ninguém me teria em menor conta se chorasse, mas chorei quando ela me deu a notícia. Em parte porque foi a minha primeira experiência com a morte, mas sobretudo porque era minha responsabilidade garantir que ele ficava fechado no nosso quintal.

E também chorei quando o médico da minha mãe telefonou a contar-me o que acontecera naquele dia na praia.

— Lamento, mas não foi possível fazer nada — disse ele. — Às vezes, quando é uma coisa tão repentina, os médicos tendem a vê-lo como uma vantagem.

Christy não estava presente, naquele dia teve de ficar até tarde na escola para se reunir com uma mãe que queria falar das notas do filho, mas chorei bastante. Enfiei-me na pequena casa das máquinas, tirei um lençol sujo do cesto e chorei para cima dele. Não chorei durante muito tempo, porém as lágrimas rolaram. Podia ter-lhe contado mais tarde, mas não vi qualquer utilidade nisso, em parte porque ela me teria dito que eu andava à pesca de comiseração (esta não é uma expressão dos Alcoólicos Anónimos, embora talvez devesse ser), e em parte porque não acredito que a capacidade de chorar no momento certo deva ser um requisito para um casamento bem-sucedido.

Nunca vi o meu pai chorar, agora que penso nisso; no máximo, expressava as suas emoções com um suspiro profundo ou grunhindo alguma risada em tom relutante; William Epping não batia no peito nem soltava gargalhadas estridentes. Pertencia àquele tipo de pessoas extremamente caladas e, em grande medida, a minha mãe era igual. Então talvez esta minha dificuldade em chorar seja genética. Mas bloqueado? Incapaz de sentir os meus sentimentos? Não, nunca fui assim.

Além do dia em que me deram a notícia da morte da minha mãe, recordo apenas outra ocasião em que chorei já adulto, e isso foi quando

li a história do pai do contínuo. Estava sozinho, sentado na sala de professores da Lisbon High School, a corrigir uma pilha de composições que a minha turma da noite de Inglês tinha escrito. Pelo corredor chegava-me o barulho surdo das bolas de basquetebol, da buzina em campo e dos gritos da multidão enquanto os animais do desporto se defrontavam: os Lisbon Greyhounds contra os Jay Tigers.

Quem pode saber quando uma vida se encontra em equilíbrio precário, ou porquê?

O tema da composição era «O dia que mudou a minha vida». A maioria dos trabalhos, ainda que sincera, era horrível: relatos sentimentais acerca de uma tia bondosa que acolhera uma adolescente grávida, um camarada da tropa que demonstrara o verdadeiro significado da coragem, um encontro fortuito com uma celebridade (creio que se tratava de Alex Trebek, o apresentador de *Jeopardy!*, mas talvez fosse Karl Malden). Se entre vocês há professores que ganharam mais três ou quatro mil dólares por ano a dar aulas a uma turma de adultos que pretendem tirar a equivalência ao décimo segundo ano, saberão como pode ser desmoralizador ler este tipo de composições. Não é uma questão de nota atribuída, ou pelo menos para mim não é; eu passava toda a gente, porque nunca tive um aluno adulto que não se esforçasse ao máximo. Quem entregava uma folha de papel com alguma coisa escrita sabia que Jake Epping, professor de Inglês na Lisbon High School, lhe lançava sempre uma corda, e se as frases estavam organizadas em parágrafos, tirava pelo menos um suficiente.

O que tornava a tarefa árdua era que a caneta vermelha substituía a minha boca como principal ferramenta docente, e eu gastava quase uma caneta inteira. Desmoralizava-me saber que muito pouco do que eu assinalava com aquela tinta vermelha iria ser assimilado; se alguém chegava aos vinte e cinco ou aos trinta anos sem ter aprendido a escrever corretamente («completo», não «conpleto»), ou a pôr maiúsculas nos sítios certos («Casa Branca», não «casa branca»), ou a construir uma frase com um substantivo e um verbo, provavelmente já não iria aprender. Ainda assim, continuamos a lutar, desenhando círculos alegremente em volta dos erros de ortografia em frases como «O meu marido apreçou-se a julgar-me» ou a riscar a palavra «concelho» e substituindo-a por «conselho» na frase «O meu pai sempre me deu bons concelhos».

O trabalho que eu estava a fazer naquela noite era inútil e moroso e, não muito longe, outro jogo de bäsquete avançava até ao apito final, como era no princípio, agora e sempre, ámen. Isto aconteceu pouco depois de Christy sair do centro de desintoxicação, e acho que pensava, se é que realmente pensava alguma coisa, que poderia chegar a casa e encontrá-la sóbria (e assim foi; ela agarrou-se à sua sobriedade melhor do que se agarrou ao marido). Lembro-me de que me doía um pouco a cabeça e que estava a massajar as têmporas para impedir que uma dorzinha se transformasse numa enxaqueca. Recordo-me que pensei: *Mais três, só mais três, e posso sair daqui. Vou para casa, faço uma caneca de cacau instantâneo e mergulho no novo romance de John Irving sem ter estas histórias sinceras mas mal escritas a pender-me sobre a cabeça.*

Não houve violinos nem sinos quando tirei da pilha a composição do contínuo e a pus à minha frente, nenhuma sensação de que a minha insignificante vida estava prestes a alterar-se. Mas isso nunca se sabe, pois não? A vida muda num instante.

O contínuo usara uma esferográfica barata cuja tinta esborratara as cinco páginas em vários sítios. A sua caligrafia era arrevesada mas legível, e deve ter carregado com força no bico, porque as palavras estavam verdadeiramente gravadas naquelas páginas de caderno barato; se eu tivesse fechado os olhos e deslizado os dedos pela parte de trás daquelas folhas arrancadas, teria sido como ler braille. Na ponta de cada *y* minúsculo havia um pequeno floreado. Recordo-me perfeitamente.

Também me recordo de como começava a composição, palavra por palavra.

*Não foi um dia, mas sim uma noite. A noite que mudou a minha vida foi a noite em que o meu pai açacinou a minha mãe e os meus dois irmãos e me aleijou muito. Também aleijou a minha irmã, tanto que ela ficou em coma. Morreu ao fim de três anos sem nunca acordar. Chamava-se Ellen e eu adorava-a. Ela gostava de apanhar flores e de as meter em jarras.*

A meio da primeira página, os olhos começaram a arder-me e pousei a minha leal caneta vermelha. Foi ao chegar à parte em que ele descrevia como se enfiara debaixo da cama, com o sangue a cobrir-lhe os olhos (*e também a garganta e sabia muito mal*), que comecei a chorar (Christy teria ficado muito orgulhosa). Li a composição do

princípio ao fim sem fazer uma única emenda, limpando os olhos para que as lágrimas não caíssem sobre as páginas que obviamente lhe haviam custado tanto esforço. Até àquele dia tinha-o considerado o mais lento da turma, talvez só meio degrau acima do que costumávamos chamar «atrasado educável». Bem, meu Deus, havia uma razão para isso, não era? E também para o seu coxear. Afinal de contas, era um milagre ele ter sobrevivido. Mas sobrevivera. Um homem amável que sorria sempre e nunca levantava a voz aos miúdos. Um homem amável que passara pelo inferno e que estava a esforçar-se — com humildade e esperança, como a maioria deles — para completar o ensino secundário. Embora fosse continuar a ser contínuo durante o resto da sua vida, apenas um tipo com calças de caqui castanhas ou verdes, empurrando uma esfregona ou arrancando pastilha elástica do chão com a espátula que tinha sempre no bolso de trás. Talvez pudesse ter sido diferente, mas uma noite a sua vida mudara num instante e agora ele era apenas um tipo com uma farda a que os miúdos chamavam Harry, *o Sapo*, devido à sua maneira de andar.

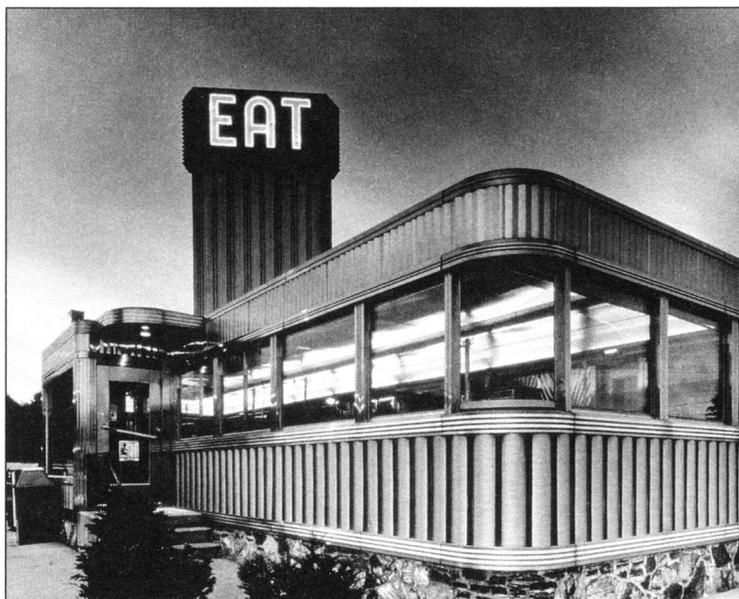
Por isso chorei. Foram lágrimas reais, daquelas que vêm do fundo. Do corredor chegou-me o som da banda de música da Lisbon High School a tocar o hino da vitória — então a equipa de casa ganhara; que bom para eles. Mais tarde, talvez, Harry e alguns colegas recolheriam as bancadas para varrer a porcaria que caíra em baixo.

Escrevi BOM a vermelho na primeira página do trabalho. Fiquei a olhar para ela um minuto ou dois, depois acrescentei MUITO atrás do BOM. Porque a composição era boa, e porque a sua dor provocara em mim, o seu leitor, uma reação emocional. E não é isso que um texto com MUITO BOM deve fazer? Provocar uma reação?

Quanto a mim, só desejava que a antiga Christy Epping tivesse estado certa. Gostaria de ter sido uma pessoa emocionalmente bloqueada, vendo bem. Porque tudo aquilo que se seguiu, todas as coisas terríveis que se seguiram... foram consequência daquelas lágrimas.

PRIMEIRA PARTE

PONTO CRÍTICO



## CAPÍTULO 1

### 1

Harry Dunning diplomou-se de modo triunfal. Assisti à pequena cerimónia no ginásio da Lisbon High School, por convite seu. Na verdade, ele não tinha mais ninguém, portanto aceitei com muito gosto.

Depois da bênção (proferida pelo padre Bandy, que raramente perdia um evento da escola), abri caminho pelo meio da multidão de amigos e familiares até onde, solitário, se encontrava Harry na sua capa preta, segurando o diploma numa das mãos e o capelo alugado na outra. Peguei no capelo para poder apertar-lhe a mão. Ele sorriu, exibindo uma dentadura com muitos espaços e vários dentes tortos. Ainda assim, era um sorriso radiante e cativante.

— Obrigado por ter vindo, senhor Epping. Muito obrigado.

— Foi um prazer. E podes chamar-me Jake. É um pequeno privilégio que concedo a cada aluno com idade suficiente para ser meu pai.

Por um momento pareceu perplexo, depois desatou a rir.

— Sim, suponho que sou! Bolas!

Eu também me ri. Muita gente ria à nossa volta. E também havia lágrimas, claro. O que é tão difícil para mim é fácil para muita gente.

— E aquele Muito Bom! Bolas! Nunca na minha vida tinha tirado um Muito Bom! Nunca sequer esperei tirar um!

— Mereceste-o, Harry. E agora, qual é a primeira coisa que vais fazer como aluno diplomado do secundário?

O seu sorriso arrefeceu por um segundo; ainda não tinha pensado naquilo.

— Acho que vou para casa. Tenho uma casinha alugada na Goddard Street, sabe? — Ergueu o diploma, segurando-o cuidadosamente com as pontas dos dedos, como se pudesse esborratar a tinta. — Vou emoldurar isto e pendurá-lo na parede. Depois acho que vou encher um copo com vinho, sentar-me no sofá e ficar a admirar o diploma até serem horas de dormir.

— Parece um bom programa — comentei —, mas antes não queres ir comigo comer um hambúrguer com batatas fritas? Podíamos ir ao Al's.

Esperava uma careta como resposta, mas é claro que estava a comparar Harry aos meus colegas. Já para não falar na maioria dos nossos alunos; evitavam o Al's como a peste e costumavam frequentar o Dairy Queen em frente à escola ou o Hi-Hat na 196, perto de onde em tempos existira o velho *drive-in* de Lisbon.

— Seria ótimo, senhor Epping. Obrigado!

— Jake, lembra-te?

— Jake, claro.

Assim, levei Harry ao Al's, onde eu era o único cliente assíduo entre os professores e, embora naquele verão ele tivesse contratado uma empregada de mesa, fomos servidos pelo próprio Al. Como de costume, um cigarro (proibido em qualquer estabelecimento de restauração, mas isso nunca foi um impedimento) ardia-lhe no canto dos lábios e o olho desse lado estava semicerrado por causa do fumo. Quando viu a capa preta dobrada e percebeu o motivo da comemoração, insistiu em pagar a conta (embora esta fosse pequena; a comida no Al's era extraordinariamente barata, o que suscitara rumores acerca do destino de certos animais vadios das redondezas). Além disso, tirou-nos uma fotografia, que mais tarde pendurou naquilo a que chamava a Parede das Celebridades Locais. Entre as «celebridades» representadas incluía-se o falecido Albert Dunton, fundador da Joalheria Dunton, Earl Higgins, um antigo diretor da escola secundária, John Crafts, fundador da John Crafts Auto Sales, e, claro, o padre Bandy, da Igreja de St. Cyril. (Ao lado do padre, o papa João XXIII; este último não por ser dali, mas devido à veneração de Al Templeton, que se considerava «um bom católico».) A fotografia que Al tirou naquele dia mostra Harry Dunning com um grande sorriso. Eu

encontrava-me ao seu lado, e ambos segurávamos o diploma. Ele tinha a gravata ligeiramente torta. Lembro-me porque me fez pensar naqueles floreados que ele fazia na perna dos *y* minúsculos. Lembro-me de tudo. Lembro-me muito bem.

## 2

Dois anos mais tarde, no último dia de aulas, encontrava-me sentado na mesma sala de professores a ler uma pilha de trabalhos finais que os meus alunos da turma avançada de Poesia Americana tinham escrito. Os alunos já tinham partido, livres e despreocupados para mais um verão, e em breve eu faria o mesmo. Porém, de momento agradava-me estar onde estava, saboreando o silêncio pouco frequente. Achei que antes de partir poderia até limpar o armário onde guardávamos comida. *Alguém* tinha de o fazer, pensei.

Mais cedo, nesse mesmo dia, Harry Dunning aproximara-se a coxear depois das aulas de orientação com os diretores de turma (que tinham sido especialmente barulhentas, como costumam ser todas essas aulas e salas de estudo no último dia do ano letivo) e estendera-me a mão.

— Queria agradecer-lhe por tudo — disse.

Sorri.

— Já o fizeste, se bem me lembro.

— Sim, mas este é o meu último dia. Vou reformar-me, portanto queria agradecer-lhe uma última vez.

Enquanto lhe apertava a mão, um rapaz que passava ao nosso lado — com certeza do segundo ano, a avaliar pela exuberância das borbulhas e pelos cabelitos tragicómicos no queixo, que aspiravam a ser uma barbicha — resmungou:

— Harry, *o Sapfo*, aos saltos pela rua a-bai-xo.

Estendi o braço com intenção de o fazer pedir desculpa, mas Harry deteve-me. O seu sorriso era aberto e não parecia ofendido.

— Ora, não se preocupe, estou habituado. São apenas miúdos.

— É verdade — assenti. — E o nosso trabalho é educá-los.

— Eu sei, e o senhor é bom nisso. Mas não é minha função ser... como se diz, o «exemplo instrutivo» de ninguém. E hoje menos ainda. Desejo-lhe boa sorte, senhor Epping. — Podia ter idade suficiente para ser meu pai, mas pelos vistos «Jake» iria estar sempre fora do seu alcance.

— Eu também te desejo sorte, Harry.

— Nunca esquecerei aquele Muito Bom. Também o emoldurei. Pendurei-o ao lado do meu diploma.

— Bem o mereceste.

E era verdade. A composição revelara-se pura arte *naiif*, mas em todos os aspetos tão poderosa e autêntica como qualquer quadro de Grandma Moses. Era com certeza melhor que as coisas que eu lia nesse momento. As composições estavam redigidas com uma ortografia na sua maior parte correta e numa linguagem clara (embora os meus cautelosos alunos «não corredores de riscos» destinados à universidade tivessem uma irritante tendência para usar a voz passiva), mas a escrita era fraca. Aborrecida. Os meus alunos da turma avançada estavam no décimo primeiro ano — Mac Steadman, o diretor do departamento, ficava com os do décimo segundo —, mas escreviam como velhinhos e velhinhas, com a boca franzida, um estilo afetado e «ooh, veja lá não escorregue no gelo, Mildred!». Apesar dos lapsos gramaticais e da letra quase ilegível, Harry Dunning escrevera como um herói. Numa ocasião, pelo menos.

Enquanto eu meditava sobre a diferença entre escrita ofensiva e defensiva, o intercomunicador na parede pigarreou.

— O senhor Epping está na sala de professores da ala oeste? Por acaso ainda aí estás, Jake?

Levantei-me, premi o botão com o polegar e disse:

— Ainda cá estou, Gloria. Pelos meus pecados. Em que posso ajudar-te?

— Tens um telefonema. Um tipo chamado Al Templeton. Posso transferi-lo para aí, se quiseres. Ou dizer que já saíste.

Al Templeton, dono e funcionário do Al's Diner, onde todos os professores da Lisbon High School se recusavam a ir, exceto aqui o vosso amigo. Até o meu estimado diretor do departamento, que tentava falar como um catedrático de Cambridge e que também se

aproximava da idade da reforma, era conhecido por se referir à especialidade da casa, o *Fatburger*, como o «Famoso Gatobúrguer» de Al.

*Bom, claro que não é realmente de gato, diriam as pessoas, ou provavelmente não é de gato, mas se custa um dólar e dezanove, não pode ser de vaca.*

— Jake? Adormeceste?

— Não, estou bem acordado. — Além disso, sentia curiosidade em saber por que motivo Al me ligava para a escola. Ou por que motivo me ligava sequer. A nossa relação sempre fora estritamente cozinheiro-cliente. Eu gostava da sua comida, e Al gostava da minha preferência. — Podes passá-lo.

— Mas porque estás ainda aí?

— Estou a flagelar-me.

— Oooh! — exclamou Gloria, e pude imaginá-la a bater as longas pestanas. — Adoro quando dizes essas coisas. Espera pelo toque.

Cortou a comunicação. A extensão tocou e levantei o auscultador.

— Jake? Estás aí, companheiro?

De início pensei que Gloria tinha percebido mal o nome. Aquela voz não podia pertencer a Al. Nem sequer a pior constipação do mundo podia ter produzido semelhante grasnido.

— Quem fala?

— O Al Templeton, não te disseram? Credo, aquela musiquinha era mesmo horrível. Que mal tinham as canções da Connie Francis?

Começou a tossir tanto que tive de afastar o auscultador da orelha.

— Parece que estás com gripe.

Ele riu-se, e também continuou a tossir. A combinação era mesmo sinistra.

— Estou com qualquer coisa, sim.

— Deve ter-te atacado depressa e com força. — Eu fora ao restaurante no dia anterior para um lanche ajantarado. Um *Fatburger*, batatas fritas e um batido de morango. Na minha opinião, é importante um tipo que vive sozinho ingerir todos os grupos alimentares importantes.

— Bem podes dizê-lo. Ou podes dizer que levou o seu tempo. Estarias certo de qualquer dos modos.

Não soube que responder àquilo. Tivera várias conversas com Al ao longo dos últimos seis ou sete anos, e ele podia ser estranho —

insistia em chamar Boston Patriots aos New England Patriots, por exemplo, e falava de Ted Williams como se tivessem sido grandes amigos —, mas nunca tivéramos uma conversa tão estranha como aquela.

— Jake, preciso de te ver. É importante.

— Posso saber...?

— Calculo que vás fazer muitas perguntas, e irei responder, mas não por telefone.

Ignorava quantas respostas ele seria capaz de dar antes que a voz lhe faltasse, mas prometi que estaria lá dentro de uma hora.

— Obrigado. Vem antes, se puderes. O tempo escasseia, como se costuma dizer. — E desligou abruptamente, sem sequer se despedir.

Li mais dois trabalhos, e embora só restassem quatro na pilha, isso não me serviu de motivação. Perdera o embalo. Portanto, enfiei-os todos na pasta e fui-me embora. Passou-me pela cabeça subir ao gabinete e desejar a Gloria um bom verão, mas não o fiz. Ela estaria lá toda a semana seguinte, a fechar as contas do ano letivo, e eu iria voltar na segunda para limpar o armário; era uma promessa que fizera a mim próprio. Senão, os professores que usassem a sala da ala oeste durante o verão iriam encontrá-lo infestado de bichos.

Se tivesse sabido o que o futuro me reservava, teria com certeza subido para a ver. Talvez até lhe tivesse dado o beijo que pairara no ar entre nós durante os últimos dois meses. Mas é claro que não sabia. A vida muda num instante.

### 3

O Al's Diner era uma grande casa móvel prateada do outro lado dos carris da Main Street, à sombra da velha fábrica têxtil Worumbo. Sítios como aquele podem parecer esqueléticos, mas Al escondera os blocos de cimento sobre os quais assentava o seu estabelecimento com belos canteiros de flores. Tinha até um quadrado de relva que ele próprio aparava com um velho corta-relva manual. O aparelho estava tão bem cuidado como as flores e a relva; nem vestígio de ferrugem nas lâminas ronronantes, pintadas de cor viva. Podia ter sido

comprado na loja da Western Auto da vizinhança na semana anterior... se ainda houvesse uma Western Auto em Falls, claro. Existira em tempos, mas fora vítima das grandes superfícies na viragem do século.

Avancei pelo caminho pavimentado, subi os degraus, depois parei com a testa franzida. O cartaz onde se lia BEM-VINDOS AO AL'S DINER, A CASA DO FATBURGER! desaparecera. Substituí-a-o um quadrado de cartão que anunciava FECHADO DEFINITIVAMENTE POR DOENÇA. OBRIGADO POR NOS TEREM PREFERIDO TODOS ESTES ANOS & QUE DEUS VOS ABENÇOE.

Ainda não tinha entrado na névoa de irrealidade que em breve me engoliria, mas os primeiros tentáculos já me rodeavam, e eu sentia-os. Não fora uma constipação de verão que causara a rouquidão que ouvira na voz de Al, nem aquela tosse de cão. Também não fora uma gripe. A avaliar pelo cartaz, fora alguma coisa mais séria. Mas que tipo de doença grave se contraía em vinte e quatro horas? Em menos, a bem dizer. Eram duas e meia. Eu saíra do Al's às cinco e quarenta e cinco da tarde anterior, e na altura ele estava bem. Quase frenético, de facto. Lembro-me de lhe perguntar se tinha bebido demasiado café, e de ele responder que não, que só estava a pensar em tirar férias. As pessoas que estão doentes (suficientemente doentes para fechar o negócio que geriram sozinhas durante mais de vinte anos) falam em tirar férias? Algumas, talvez, mas provavelmente não muitas.

A porta abriu-se antes de a minha mão tocar no puxador, e ali estava Al a olhar para mim, sem sorrir. Lancei uma olhadela por cima do ombro, sentindo aquela névoa de irrealidade adensar-se à minha volta. O dia estava quente; a névoa, fria. Naquele momento ainda teria podido dar meia-volta e sair dela, regressar ao sol de junho, e uma parte de mim desejava fazê-lo. No entanto, fiquei petrificado pelo espanto e pela consternação. Também pelo terror, devo admitir. Porque as doenças graves *aterrorizam-nos*, não é?, e Al estava gravemente doente. Percebi-o logo ao olhar para ele. Embora *mortalmente* talvez tivesse sido a palavra mais indicada.

Não só as suas faces normalmente rubicundas se tinham tornado flácidas e pálidas. Não era só a pátina que cobria os seus olhos azuis,

que agora pareciam deslavados e míopes. Nem sequer era o seu cabelo, antes quase todo preto e agora quase todo branco..., afinal de contas, talvez usasse um daqueles produtos cosméticos e tivesse decidido de repente lavá-lo para ficar com a cor natural.

A parte impossível era que, nas vinte e duas horas transcorridas desde a última vez que eu o vira, Al Templeton parecia ter perdido pelo menos quinze quilos. Talvez vinte, o que representaria um quarto do seu anterior peso corporal. Ninguém perde quinze ou vinte quilos em menos de um dia, *ninguém*. No entanto, os meus olhos não me enganavam. E foi aqui, creio, que a névoa da irrealidade me engoliu inteiro.

Al sorriu e eu vi que, além de peso, perdera vários dentes. As suas gengivas tinham um aspeto pálido e doentio.

— Gostas do meu novo visual, Jake? — E começou a tossir, uma série de sons guturais que pareciam vir de um abismo.

Abri a boca. Não saiu qualquer palavra. A ideia de fugir surgiu-me de novo numa certa parte cobarde e enojada da mente, mas mesmo que essa parte dominasse, eu não teria conseguido fazê-lo. Estava pregado ao chão.

Al dominou a tosse e tirou um lenço do bolso de trás. Limpou primeiro a boca e depois a palma da mão. Antes de voltar a guardá-lo, vi que estava sujo de sangue.

— Entra — convidou. — Tenho muito que contar, e acho que és o único que me pode ouvir. Vais ouvir?

— Al. — A minha voz era tão baixa e fraca que mal a ouvi. — Que te aconteceu?

— *Vais ouvir?*

— Claro.

— Há de ter perguntas para fazer, e responderei às que puder, mas tenta não fazer muitas. Já não me resta muita voz. Raios, já não me restam muitas *forças*. Entra.

Entrei. O restaurante estava escuro e frio e vazio. O balcão, limpo e sem migalhas; o cromado dos bancos reluzia, a cafeteira brilhava; o cartaz que dizia SE NÃO GOSTA DA NOSSA CIDADE, PROCURE O HORÁRIO DOS COMBOIOS continuava no sítio do costume, junto à caixa registadora *Sweda*. A única coisa que faltava eram os clientes.

Bem, e o cozinheiro-proprietário, claro. Al Templeton fora substituído por um fantasma velho e doente.

Quando ele rodou o trinco, fechando-nos lá dentro, o som retumbou com força.

#### 4

— Cancro do pulmão — explicou com naturalidade depois de nos conduzir a um compartimento ao fundo do restaurante. Deu umas palmadinhas no bolso da camisa, e vi que estava vazio. O sempre presente maço de *Camel* desaparecera. — Não foi uma grande surpresa. Comecei a fumar aos onze e não parei até que mo diagnosticaram. Foram mais de cinquenta anos. Três maços por dia até que o preço subiu em 2007. Então fiz um sacrifício e reduzi para dois por dia. — Solto uma risada ofegante.

Pensei em dizer-lhe que se enganara nos cálculos, porque eu conhecia a sua idade real. Num dia do último inverno, ao perguntar-lhe porque estava no grelhador com um chapéu de aniversário na cabeça, respondera *Porque hoje faço cinquenta e sete anos, companheiro. Como os cinquenta e sete produtos da Heinz*. No entanto, tinha-me pedido que não fizesse perguntas a menos que fosse absolutamente necessário, e calculei que isso incluía não interromper para efetuar correções.

— Se eu fosse a ti, e quem me dera ser, embora nunca desejasse que tu fosses eu, na minha situação atual, estaria a pensar: «Passa-se aqui qualquer coisa estranha, ninguém arranja um cancro do pulmão em estado avançado da noite para o dia.» Certo?

Assenti com a cabeça. Exatamente.

— A resposta é muito simples. Não foi da noite para o dia. Comecei a tossir assim há uns sete meses, em maio.

Aquilo era novidade para mim; se ele andara a tossir, fizera-o quando eu não estivera presente. Além disso, enganava-se outra vez nos cálculos.

— Então, Al? Estamos em junho. Há sete meses era dezembro.

Agitou uma mão (os dedos delgados, o anel dos fuzileiros largo num dedo onde antes ficara justo) como que a dizer *Ignora isso por agora, ignora isso*.